

VER O INVISÍVEL

HISTÓRIA DAS IDEIAS
SOBRE A MENTE NO
MUNDO OCIDENTAL

RODRIGO DE
SÁ-NOGUEIRA
SARAIVA

Índice

<i>Apresentação</i>	21
-------------------------------	----

PRIMEIRA PARTE O SURGIR DA NOÇÃO DE MENTE

CAPÍTULO 1 – O MENTAL: ALMA, MENTE E PSICOLOGIA . . .	29
A experiência de mim próprio	30
Inferência de estados mentais alheios	32
Dualismo: invisível-dinâmico/concreto-inerte	35
A Mente nas Culturas Ágrafas	37
Alma e agência	37
Almas fora do corpo	38
Agências desencarnadas: os espíritos	40
Implicações do anteriormente dito	44
Posições de primeira, segunda e terceira pessoa	44
Modelos da mente	45
Dificuldade de descrição do mental	46
CAPÍTULO 2 – OS PRIMÓRDIOS DA PSICOLOGIA NA GRÉCIA	49
Os Gregos arcaicos	49
A especulação cósmica e a descoberta do pensamento	52
A revolução socrático-platônica	57
Sócrates	58
Platão	59

A ontologia platónica	60
A epistemologia platónica	62
<i>Crítica da Teoria das Formas</i>	66
Psicologia de Platão	67
<i>A imortalidade da alma</i>	71
Ética e as virtudes cardeais	72
Breve conclusão sobre Platão.	74
Aristóteles	75
Ontologia.	75
<i>Substância</i>	76
<i>Potência e acto</i>	77
<i>Categorias</i>	77
<i>As formas imutáveis</i>	78
<i>As causas</i>	79
A alma	79
<i>Tó poión</i>	83
Ética: a psicologia motivacional.	86
Resumo	91
Sequência das ideias dos pensadores gregos até Aristóteles .	92
Desenvolvimentos posteriores	94
Epicurismo e estoicismo	94
<i>O Estoicismo</i>	95
<i>Epicuro</i>	98
A contribuição dos pensadores gregos.	100
 CAPÍTULO 3 – DO HELENISMO À IDADE MÉDIA	103
De Atenas ao Renascimento	103
O Cristianismo e a Alma.	104
Plotino	105
Agostinho	106
<i>A alma presente a si própria</i>	107
<i>A certeza do Eu</i>	109
<i>Níveis de conhecimento e consciência da mente</i>	109
<i>Unidade da alma e conflito</i>	110
<i>Teoria do tempo e memória</i>	112
<i>Livre-arbítrio</i>	113
<i>Em suma</i>	114

ÍNDICE

O declínio europeu, os autores árabes e o pensamento grego	114
<i>A psicologia árabe</i>	116
A Mente na Baixa Idade Média	120
Pedro Hispano, exemplo da escolástica medieval pré- -tomista	123
S. Tomás de Aquino	128
<i>O aristotelismo de S. Tomás</i>	129
<i>A psicologia tomista</i>	130
<i>Tratado das Paixões</i>	135
<i>Livre-arbítrio</i>	136
<i>Sumário</i>	136
<i>Discussão e avaliação (talvez injusta)</i>	137
<i>Emoções e Ética na Idade Média profana; D. Duarte</i>	139
A Idade Média como zénite da teorização sobre a Alma	142
As almas aristotélica e platónica: posições da primeira e terceira pessoas	144
Occam e o conceptualismo	146
A questão dos Universais	146
Nominalismo e Conceptualismo e Intelecto Agente	147
<i>Estrutura e natureza da alma em Occam</i>	148
<i>Características do pensamento de Occam</i>	151
Caminhos abertos por Occam	152
Os problemas da mente medieval e sua actualidade	153
O intelecto agente/potencial	154
Almas sensorial e intelectiva	156
As faculdades	156
A questão dos Universais	157

SEGUNDA PARTE A FORMAÇÃO DAS IDEIAS MODERNAS SOBRE A MENTE

CAPÍTULO 4 – DO RENASCIMENTO À IDADE MODERNA	163
Contexto do Renascimento	163
Neoplatonismo	165
O humanismo	167

O impacto do novo Aristóteles	168
Outras influências: pirronismo, estoicismo, epicurismo	169
A procura da verdade nas coisas e não no raciocínio	170
Origens da ciência moderna	172
A rejeição do saber antigo	173
Francisco Sanches e a inutilidade do saber antigo	174
<i>Francis Bacon</i>	174
<i>Galileu</i>	176
Gênese renascentista do pensamento cartesiano	178
Gómez Pereira e a reafirmação do argumento de Agostinho	178
O racionalismo: Descartes e Espinosa	182
Descartes	182
<i>Contexto e problema de Descartes</i>	183
<i>Natureza da mente e dualismo</i>	186
<i>Fisiologia, psicologia, conhecimento e paixões da alma</i>	189
<i>Influência da ideia do corpo como máquina</i>	193
<i>Reações a Descartes</i>	194
Espinosa	196
<i>As ideias de Espinosa</i>	197
<i>O pensamento e as paixões</i>	200
<i>A política de Espinosa</i>	203
<i>Actualidade do pensamento de Espinosa</i>	204
CAPÍTULO 5 – DO EMPIRISMO A KANT	207
O empirismo e a sua origem	207
Inícios do empirismo	208
Pierre Gassendi	211
Thomas Hobbes	213
Apreciação de Hobbes	216
John Locke	217
Articulação das Ideias de Locke	218
<i>Experiência mental como fonte da teoria de Locke</i>	218
<i>Preconceito atomista</i>	219
<i>Ideias simples</i>	220
<i>Ideias complexas</i>	221
<i>Tipos de ideias complexas</i>	222
Locke e a psicologia das faculdades	224
O Eu em Locke	225

ÍNDICE

Teoria da linguagem	227
O anti-inatismo de Locke	228
Apreciação de Locke	230
Georges Berkeley	233
A mente em Berkeley	237
Méritos de Berkeley	237
David Hume	238
O Eu em Hume	242
A natureza humana	244
<i>Paixões</i>	245
<i>Moralidade</i>	247
<i>Empirismo mas não determinismo externo</i>	248
Apreciação de Hume	249
Evolução do empirismo depois de Hume	250
David Hartley	250
Os Mill	251
Iluminismo e Rousseau	253
Condillac	255
<i>Crítica de Condillac</i>	256
La Mettrie e o materialismo radical	257
<i>Conclusão sobre La Mettrie</i>	259
Rousseau	260
<i>Rousseau e a subjectividade</i>	264
<i>Apreciação</i>	266
<i>Influência de Rousseau</i>	267
Kant	268
O Problema de Kant	269
Espaço, Tempo e Apercepção Pura	270
A priori cognitivos organizadores da experiência	272
Influência de Kant	274
O Eu em Kant	276
Kant e a Crítica da Razão Prática	278
Kant e a crítica da psicologia introspectiva	279
Empirismo e kantismo: cópia e transformação	281
CAPÍTULO 6 – A ERA DA CIÊNCIA	283
Contexto social e cultural	283

Modelos da física e do significado	287
A herança de Newton	288
Mensagem de Newton	289
Impacto de Newton na Filosofia	290
Vico e a sua herança	293
A «Ciência Nova» de Vico	294
Seguidores de Vico	297
Comparação das duas heranças	299
O Vitalismo e o Mecanicismo	304
As duas posições e o desenvolvimento da psicologia	306
 CAPÍTULO 7 – POSITIVISMO E MATERIALISMO	307
Correntes materialistas	307
Positivismo	308
As ciências de Comte	309
A dinâmica de Comte	310
Positivismo e psicologia	310
O «quadro cerebral»	312
Conclusão sobre Comte	313
Breve história da fisiologia da mente	313
Neo-kantismo e fisiologia	315
Localização de funções	317
<i>Pavlov e a naturalização da associação</i>	318
<i>Pertinência contemporânea do reducionismo fisiológico</i>	320
Conclusão sobre o materialismo	321
Mente e fisiologia	321
Reconciliação das posições de Kant e Locke	322

TERCEIRA PARTE

A PSICOLOGIA NA ERA DA CIÊNCIA

CAPÍTULO 8 – FUNDAÇÃO DA PSICOLOGIA EXPERIMENTAL	325
Fechner	325
As psicologias de Wundt	327
As bases intelectuais de Wundt	328
Posição filosófica de Wundt	330
As ideias de Wundt sobre a mente	332

ÍNDICE

Voluntarismo	339
O Eu em Wundt.	340
Em suma	341
As leis de Wundt	342
Os métodos de Wundt	343
<i>Método «fisiológico» ou experimental</i>	344
<i>Áreas de trabalho do laboratório de Wundt.</i>	346
<i>Métodos não experimentais e resultados obtidos sem o método fisiológico.</i>	348
A herança moderna de Wundt.	350
Hermann Ebbinghaus	351
Reacções dentro do movimento wundtiano	354
Oswald Külpe	354
<i>As ideias de Külpe e a misteriosa discussão do «pensamento sem imagens»</i>	355
 CAPÍTULO 9 – DEFESA DO SIGNIFICADO	361
Reacção ao cientismo	361
Desenvolvimento da psicologia não mecanicista.	363
<i>Goethe, as visões de conjunto, o dinamismo e os fenómenos primordiais</i>	367
<i>Outros desenvolvimentos</i>	369
 CAPÍTULO 10 – A ÉPOCA DAS GRANDES TEORIAS	373
A Etologia	373
Heinroth	374
Uexküll	376
<i>O ciclo funcional.</i>	376
Lorenz	380
<i>O mecanismo inato desencadeador</i>	381
Tinbergen	384
Resumo da etologia clássica	385
Críticas	387
Etologia e Psicologia.	391
A «Teoria Gestalt»	392
Contexto	392
Precursores.	394

As ideias da psicologia Gestalt	397
Resumo das ideias Gestalt.	407
Avaliação	409
Conclusão	410
A Psicologia Genética de Jean Piaget	412
O desenvolvimento psicológico.	414
Apreciação da Teoria	419
 CAPÍTULO 11 – A PSICANÁLISE	421
Introdução	421
O romantismo como reacção ao iluminismo	422
<i>Ser objectivo significa o quê?</i>	422
<i>A expressão do sujeito e o romantismo</i>	424
<i>Sujeito e objecto no romantismo – a filosofia da natureza.</i>	425
Schelling e a filosofia da natureza	427
Carus	428
Von Schubert	429
Schopenhauer e a vanidade da vontade	430
<i>Influências na psicanálise</i>	434
Neo-romantismo	435
Eduard von Hartmann e a inconsciência da vontade	436
Nietzsche e a vontade de poder	438
<i>Comentário</i>	444
Nota pessoal sobre Nietzsche.	445
<i>Influência na psicanálise.</i>	446
Outros Antecedentes da Psicanálise	448
A temática do sexo nos finais do século XIX.	448
O que era aceite sobre o inconsciente antes de Freud	452
A Psicanálise de Sigmund Freud	453
Elementos pessoais importantes a reter em Freud	454
<i>A família e as origens de Freud</i>	454
<i>A mente de Freud.</i>	456
Formação, influências e primeiras teorizações	459
<i>Brücke e a fisiologia materialista</i>	460
<i>Charcot e a histeria</i>	460
O inconsciente na psicologia francesa: Janet, Charcot e Bernheim.	462
<i>Breuer e a catarse</i>	464

ÍNDICE

<i>Associação livre</i>	465
O trauma sexual na histeria e nas neuroses	465
Fliess e as primeiras teorizações	467
<i>A teoria do trauma sexual precoce – ou «teoria da sedução»</i> . . .	468
<i>As fases da sexualidade infantil e o Édipo</i>	469
<i>A primeira tópica e a Interpretação dos Sonhos</i>	473
A origem das culturas humanas	475
A «segunda tópica» e Eros e Thanatos	477
Freud e a civilização	480
Avaliação da psicanálise freudiana	481
<i>Importância de um modelo bio-psico-social</i>	481
<i>Crítica ao método de Freud</i>	484
<i>Associações arbitrárias</i>	485
<i>A solução precede a observação</i>	487
<i>Atribuição impossível de agência</i>	489
<i>Nota sobre a sexualidade inconsciente</i>	490
Críticas recentes a Freud	493
Conclusão	495
Carl Gustav Jung e a psicologia analítica	496
Desenvolvimento das ideias de Jung	496
Apriorismo e arquétipos	500
A formação da personalidade	502
Tipos Psicológicos	505
<i>Introversão e Extroversão</i>	505
<i>As quatro funções</i>	507
Os sonhos	509
Imaginação activa	510
A Terapia	510
Avaliação	511
Alfred Adler	514
As ideias de Adler	514
<i>Apreciação</i>	516
Conclusões sobre a psicanálise	517
A noção de Inconsciente	517
Porque foi a psicanálise tão influente?	518
Herança da Psicanálise para a Psicoterapia e para a Psicologia não-experimental	520
Conclusão	522

QUARTA PARTE
A ACTUAL VISÃO DA MENTE E A SUA GÉNESE

CAPÍTULO 12 – FUNDAÇÃO DA PSICOLOGIA ACTUAL	525
Breve contexto histórico	525
A tradição europeia no início da psicologia americana	528
Titchener	528
William James	531
<i>Os Princípios de Psicologia</i>	532
<i>As ideias de James</i>	533
Funcionalismo	534
Perifericismo	534
Percepção e sensação	536
Fluxo de consciência	538
O Eu e o Mim	542
O hábito	546
<i>Impacto de James</i>	547
CAPÍTULO 13 – A PSICOLOGIA PROPRIAMENTE NORTE-AMERICANA	551
Pano de fundo intelectual dos Estados Unidos nos finais do século XIX	551
Mudanças sociais no século XIX.	554
Funcionalismo e transição para o condutismo	556
Watson e o condutismo	561
Nota preliminar	561
Inícios da carreira	562
Significado de «conduta» em Watson	566
Depois da Academia	574
Apreciação do condutismo watsoniano	575
O condutismo radical de B. F. Skinner	577
A filosofia de Skinner	578
<i>A máquina sem maquinista</i>	579
Conceitos estruturadores do pensamento de Skinner	580
<i>Equiparação do mentalismo com o vitalismo</i>	580
<i>Posição da terceira pessoa</i>	581
<i>Justificação do ambientalismo extremo</i>	581

ÍNDICE

<i>O antimentalismo não implica que não haja interior</i>	584
<i>Previsão e controlo.</i>	586
<i>Aprendizagem/mudança.</i>	587
<i>O comportamento como reformulação da mente em conduta.</i> . . .	588
Teleonomia e vontade	591
Percepção, atenção, e «funções cognitivas»	591
Controlo de Si, Eu sujeito e objecto.	592
<i>Ego, Superego e Id</i>	595
Pensamento	596
Motivações	598
Emoções.	598
Linguagem	599
A tradução do mental para a conduta, resumo	600
<i>A «análise experimental do comportamento»</i>	600
É coerente o condutismo radical?	603
<i>Não se estuda a organização da conduta</i>	604
<i>Mentalismo e introspecção disfarçados</i>	604
<i>A questão do Eu.</i>	605
<i>A renomeação da mente em conduta</i>	605
É possível abdicar do mentalismo e da mente?	606
<i>É possível reduzir a psicologia ou o comportamento à aprendizagem?</i>	607
<i>Em suma</i>	608
Etologia e condutismo	608
Mecanicismo e vitalismo: como foi resolvido o problema. . .	610
Domínio do condutismo.	612
O ethos ambientalista nos Estados Unidos	612
A queda do ambientalismo extremo	614
 CAPÍTULO 14 – DESENVOLVIMENTOS PÓS-CONDUTISTAS . .	619
Cognitivismo	619
Origens: reacção anticondutismo.	619
<i>Origens condutistas do cognitivismo</i>	620
<i>O estudo da mente</i>	623
A teoria cognitivista	625
O sistema S·O·R e o operacionismo	628
<i>Infalsificabilidade dos paradigmas</i>	632

VER O INVISÍVEL

Validação pela neuropsicologia?	633
Psicologia cognitiva e ciência cognitiva	635
Apreciação da psicologia cognitiva	636
Outros movimentos	636
A psicologia social	637
A psicologia evolutiva	639
A neuropsicologia	641
Integração	642
Áreas menos exploradas	642

QUINTA PARTE CONCLUSÕES

CAPÍTULO 15 – SUMÁRIO DAS IDEIAS APRESENTADAS	647
CAPÍTULO 16 – ONTOLOGIA, EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA	655
Pensar a mente: os grandes eixos	655
O que se pretende explicar	655
<i>Como chegar à verdade: transcendência e imanência</i>	655
<i>Como ser ético: controlo da mente e das motivações</i>	659
O que é a mente e como se deve estudá-la	664
O que é considerado uma explicação válida	665
<i>Estrutura/arquitectura da mente</i>	665
Estrutura, dinamismo e fluxo	667
Estruturas inatas/transcendentes e sua naturalização	668
Internalismo, externalismo, mente activa e passiva	670
<i>Causas mecânicas, ou mecanicismo e fisicalismo</i>	671
<i>A função como causa</i>	673
<i>Causas históricas</i>	677
<i>Explicar sistemas ou processos isolados: holismo e elementarismo</i>	679
A matéria-prima da teorização: primeira e terceira pessoas	681
<i>Os métodos da primeira pessoa</i>	682
Primeira pessoa subjectiva	682
Primeira pessoa objectual	683
<i>A «segunda pessoa»</i>	685

ÍNDICE

<i>Os métodos da terceira pessoa</i>	685
Inferência de estados mentais alheios	685
Modelos hipotéticos da mente	686
Recusa de variáveis não directamente observáveis . . .	688
Resumo dos estruturadores do pensamento sobre a mente .	689
Internalismo-externalismo	689
Razão-Emoção.	689
Estrutura-fluxo/dinamismo.	690
Holismo-elementarismo	690
Sincronia-Diacronia	690
Primeiras e terceiras pessoas	690
«Fórmulas da mente»	690
As fórmulas «epistemológicas»	691
<i>Fórmula A I</i>	691
<i>Fórmula A II.</i>	691
<i>Fórmula A III.</i>	691
<i>Fórmula A IV.</i>	691
<i>Fórmula A V.</i>	691
<i>Fórmula A VI.</i>	691
Fórmula A V-a	692
Fórmula A V-b.	692
Fórmula A V-c	692
<i>Fórmula A VI.</i>	692
<i>Fórmula A VII</i>	692
<i>Fórmula A VIII.</i>	692
<i>Fórmula A IX.</i>	693
As fórmulas «éticas»	693
<i>Fórmula B I</i>	693
<i>Fórmula B II.</i>	693
<i>Fórmula B III</i>	693
<i>Fórmula B IV.</i>	694
<i>Fórmula B V.</i>	694
<i>Fórmula B VI.</i>	694
<i>Fórmula B VII</i>	694
<i>Fórmula B VIII.</i>	694
<i>Fórmula B IX.</i>	694
 <i>Palavras finais</i>	 697

Capítulo 2

Os primórdios da psicologia na Grécia

Os Gregos arcaicos

O pensamento grego teve extraordinária influência no pensamento ulterior. Os autores que mais repercussão tiveram foram os atomistas (Leucipo, Demócrito e Epicuro) e os socráticos (Platão e Aristóteles). Mas para compreender a dinâmica do pensamento que neles desemboca temos de rapidamente percorrer os autores que lhes são anteriores. Neste processo compreenderemos como a noção de mente se emancipou do amálgama sincrático primitivo.

Numa obra muito conhecida, *Mimesis*, Eric Auerbach⁽²⁹⁾ apresenta a poesia da Grécia arcaica como absolutamente exterior e não psicológica: o contado é aquilo que é visto, e não se presume para além do que se vê. As personagens são, pois, psicologicamente opacas, corpos que se movem de acordo com as suas paixões ou os desígnios dos deuses. As suas vontades e emoções são as que se traduzem pela acção. Tudo o que é relatado é o visível. O psicológico é estranho à poesia homérica. Partamos deste traço de preocupação com o visível. É o que domina grande parte do pensamento anterior a Sócrates.

Na Grécia arcaica mesmo as paixões que movem os homens eram consideradas produtos directos das entranhas e a morte seria a morte do corpo – a alma, o que restaria da vida, seria algo de spectral que não se assemelharia ao homem vivo. Os deuses seriam imortais

⁽²⁹⁾ Auerbach, E. (1946/1953): *Mimesis: The Representation of Reality in Western Literature*. Princeton: Princeton UP, 1953. Original de 1946.

porque lhes correria no sangue uma substância que os mortais não teriam: *ichor*. Na Grécia arcaica havia vários termos para aquilo que mais tarde se considerou a mente. *Psyche*, ou *psüche*, era o hálito, o princípio de animação do corpo, que o abandonava com o «último suspiro». *Thymus*, ou *thümus*⁽³⁰⁾, era a motivação e a emoção (as duas palavras, «emoção» e «motivação» têm como raiz «motilidade»), ou seja, as paixões. *Nous* era responsável pela percepção da verdade. As diferenças entre os vários conceitos nem sempre são muito claras – por exemplo, entre *psyche* e *thymus* a diferença não é muito grande. Como vimos no capítulo anterior, na mente primitiva a alma tende a ser sincrética, a aglutinar várias funções e são os académicos posteriores que procuram estabelecer diferenças analíticas⁽³¹⁾.

Tal como a imortalidade dos deuses era uma consequência de um processo meramente material e concreto, também eles eram concebidos de forma concreta e à imitação dos homens. Contrariamente à maior parte das culturas, o deus supremo, Zeus, não era onisciente: era apenas um ser imortal, com muito poder, mas que não podia dominar os mistérios do passado e do futuro.

⁽³⁰⁾ Há entre os escritores de língua inglesa quem prefira escrever «thumus», «psuche», etc. em vez de «thymus», «psyche», etc. Mas a explicação é que em inglês «u» se lê «iu» e «y» aproximadamente «i» e, no final de uma palavra, «e». Não temos esse problema nem usamos o *y*. O «y» lê-se entre o «i» e o «u», como o «u» francês e o «ü» alemão. Por isso preservo a grafia mais habitual: «psyche», «thymus», etc.

⁽³¹⁾ Sobre a alma grega ver, principalmente:

Cornford, F.M. (1952) *Principium Sapientiae: the origins of Greek philosophical thought*, Cambridge, Cambridge University Press;

Rohde, E. (1925/1987): *Psyche, the cult of souls and belief in immortality among the ancient Greeks*, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., London; Harcourt, Brace & Company, Inc., New York. Translated from the 8th Edition by H.B. Hillis MA, 1925 (*Psyche: Seelencult und Unsterblichkeitsglaube der Griechen*, 2 volumes), edição facsimilada da Ares Publishers, Inc. Chicago, 1987;

Bremmer, J. N. (1987): *The Early Greek Concept of the Soul*, Princeton & Chichester, Princeton University Press;

Snell, B. (1946/1953): *The Discovery of the Mind: The Greek Origins of European Thought* (*Die Entdeckung des Geistes*, Hamburg, 1946), trans. T.G. Rosenmeyer, Oxford, Blackwell; *A Descoberta do Espírito*, Lisboa, Edições 70;

Kirk, G. & Raven, K. (1971): *The presocratic philosophers*, Cambridge, Cambridge University Press.

Disse-se que os deuses gregos são pouco divinos e muito humanos, com os defeitos e virtudes dos homens. E, nesse sentido, a religião grega que nos é transmitida pela poesia épica é apenas um conjunto de histórias e intrigas entre vontades e maquinações de deuses e de homens. Havia, é certo, uma tradição mais misteriosa e mais semelhante à da maior parte das outras religiões, como é atestado pela tradição dionisíaca dos mistérios de Elêusis⁽³²⁾. Mas, para compreender o desenvolvimento intelectual da Grécia, é necessário ter bem presente este extremo concretismo e visualismo, esta preocupação com o que se vê e se pode descrever.

Todos já lemos que a ciência nasceu na Grécia. Esta afirmação é contestável na medida em que os conhecimentos que consideramos científicos aparecem muito antes da civilização grega e em que as «ciências» gregas usam um método de validação diferente do da nossa ciência. É, contudo, verdadeira em determinado aspecto. De facto, a tentativa de compreender o Mundo e os fenómenos exteriores predominantemente em termos de causas materiais é uma especificidade grega: explicava-se o visível não com a agência mística, como ocorre na maior parte das culturas, mas com o visível e o plausivelmente inferível do visível. E tampouco os pensadores gregos estiveram obcecados pela relação do homem com o divino, como na maior parte das outras culturas: procurava-se explicar o mundo concebido em termos predominantemente concretos: em vez de forças místicas, de sopros divinos que criam a vida, os Gregos defenderam que tudo era feito de matéria. De água, de fogo, de átomos, mas, na maioria dos casos, de matéria concreta. Esta posição não foi a única na Grécia (houve sempre correntes mais místicas como o pitagorismo) mas teve uma influência determinante na filosofia ocidental⁽³³⁾.

⁽³²⁾ Apud Pirenne-Delforge, V. (1999): «La religion grecque», in *Religions de l'Antiquité*. Coord. Yves Lehman. Paris, PUF.

⁽³³⁾ Sobre o misticismo e irracionalismo grego ver Dodds, E. R. (1951): *The Greeks and the Irrational*, Berkeley and Los Angeles; University of California Press; London, Cambridge University Press. Existe tradução portuguesa na Gradiva.

A especulação cósmica e a descoberta do pensamento

Falo aqui de «descoberta do pensamento» com o significado seguinte. Como vimos quando considerámos o Homem pré-científico, um acontecimento não quotidiano é sempre explicado por um agente intencional, ainda que invisível. A mente é surdamente sentida como «Eu», detectada nos outros por uma inferência da acção ou inferida de acontecimentos inexplicáveis; nunca é considerada por si. É com os Gregos que o *pensamento* e os *motivos* são analisados pela primeira vez no Ocidente. Sigamos agora a sequência que levou ao estudo da mente.

O primeiro movimento de que temos conhecimento vem de uma das várias colónias gregas no Mediterrâneo, Mileto, na Jónia (a Ásia grega, isto é, a costa ocidental da Ásia Menor). Por isso se lhes chama os *Milésios* («os de Mileto»). O primeiro foi *Tales*, conhecido precisamente por Tales de Mileto. Diz-se ter previsto um eclipse em 585 a. C., ter conseguido medir pirâmides através da sua sombra e ter identificado a duração do ano em 365 dias. Defendia que tudo derivava da água, não se sabe bem porquê. Contudo, quando se referia à mente, não diferia dos arcaicos. Por exemplo, dizia que os ímanes tinham alma (isto é, que tinham agência, inferida a partir do poder de atracção, certamente visto como agência). Compreende-se, com base no que dissemos no capítulo anterior, o que isto significa. Recordo que todo o movimento não causado pela gravidade ou pela transmissão de movimento que ocorre a partir de outros sólidos (uma bola que é posta em movimento por outra bola em movimento) tende a ser compreendido como «mentalmente causado»; assim, um íman, que atrai os outros metais, «parece vivo», isto é, parece «ter vontade/mente», ter uma «energia» que o relaciona intencionalmente com o ambiente («escolhe» e «chama» os metais). Não se sabe muito mais sobre a visão de Tales sobre a mente, mas acreditava na imortalidade da alma, mas não na doutrina da metempsicose (a transmigração das almas).

Vai havendo variações no pensamento sobre o mundo: *Anaximandro* (c. 560) postulou que tudo era feito de *apeiron*, isto é, de infinito ou de indeterminado (posição algo mistérica); *Anaximenes* (c. 546) defendia que o mundo era feito a partir do ar.

A este grupo de pensadores tem-se chamado os *físicos*, isto é, os pensadores que se interessaram pela natureza (*físis*, em grego, raiz da palavra «física»). Emanciparam o pensamento na medida em que conseguiram aplicá-lo à natureza, sem participação do elemento místico (as agências de espíritos e de deuses) e, talvez sobretudo, desenvolveram formas de pensar nas coisas em termos de geometria. Inventaram, assim, uma linguagem nova para se referir ao que é externo a nós, ao mundo físico que nos rodeia. É esta a origem remota da física. Não se trata do nascimento da física moderna, que ocorre apenas no século XVII, mas de uma análise do mundo físico feita em termos das propriedades desse próprio mundo físico e não de agências que o determinam. Este avanço não tem correspondência no pensamento sobre a mente, em que os físicos não se mostram fundamentalmente diferentes dos arcaicos: «tudo está cheio de deuses», dizia Tales, exactamente como vários povos ágrafos quando inferem almas do movimento espontâneo.

Pitágoras (activo em 530 a. C.) está, pelo pouco que sabemos dos autores pré-socráticos, em contra-corrente com o pensamento dos físicos. Dele sabe-se pouco, embora haja muitas lendas, posteriores, que lhe atribuem saberes extraordinários e uma natureza quase divina. Diz-se, por exemplo, que foi ele o primeiro a analisar as formas geométricas em termos matemáticos (todos recordamos que «o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos»). Atribui-se-lhe também uma análise dos harmónicos dos sons que geram uma escala (a escala pitagórica). A tendência actual é acreditar que o pitagorismo matemático se desenvolveu mais tarde, no século V, e que Pitágoras é uma figura real mas mitificada ao longo da história. No campo que nos interessa, era muito pouco moderno. Pensava ele que a mente era independente do corpo e que migrava de corpo para corpo com a morte, necessitando sempre de um suporte, de um corpo que fosse por ela animado, tal como nos povos arcaicos. Mas era a alma que apreenderia a verdade, não os sentidos.

Apesar do primitivismo da concepção da mente, a corrente de pensamento dos físicos abre um caminho importante: as coisas, como as vemos, têm uma realidade diferente da que é revelada pelos sentidos; a sua estrutura, aquilo de que são feitas, não são traduzidos pela percepção que dessas coisas temos. Há, pois, um mundo escondido

que se pode procurar pela razão e pela especulação. O pensamento – a razão – emancipa-se assim da percepção. Esta tendência irá aumentar nos pré-socráticos e abrirá caminho à descoberta da mente.

Xenófanes de Cólofon (c. 570–475), contemporâneo de Pitágoras, explicita pela primeira vez um tema importante para toda a filosofia posterior: o de que as coisas não são como nós as imaginamos, mas são o que são independentemente da maneira como as vemos. O seu argumento aplicava-se à imagem e aos comportamentos dos deuses. Dizia *Xenófanes* que os deuses não eram como nós os imaginávamos, nem em comportamento nem em aparência: de facto, se os cavalos tivessem deuses, imaginá-los-iam como cavalos tal como nós os imaginamos como semelhantes a nós. Deus seria uma coisa que nos é impossível imaginar, não causado, sem começo nem fim, sem espaço nem tempo e governaria tudo o que existe «só com a sua mente». Nota-se, pois, em *Xenófanes*, a compreensão da eficácia do pensamento puro.

O pensamento de *Heraclito* de Éfeso (c. 500) parece sugerir que tudo quanto pensamos e sentimos é uma ilusão. Tudo é fluxo em permanente mudança, e o que acabámos de ver imediatamente antes já é diferente agora, ainda que os nossos sentidos no-lo neguem – a famosa expressão «de que não é possível banharmo-nos duas vezes no mesmo rio» significa isso mesmo: o passado passou, é incapturável e as semelhanças que tem com o presente são meramente ilusórias. Dizia que a harmonia oculta (não sabemos o que seria exactamente) seria dirigida pelo *Logos*, aqui talvez traduzível por «razão». Haveria três categorias de pessoas, consoante apreendem melhor ou pior o *Logos*. As que estão dele próximas, as que o apreendem através do pensamento e aquelas que dele não têm nenhuma noção. Esta ideia viria, também, a ter influência posteriormente. Talvez acreditasse na ciclicidade do mundo como, mais tarde, os estóicos (e Nietzsche) vieram a defender.

Anaxágoras de Clazómenas (c. 500 a.C. – 428 a.C.) apresenta uma ideia diferente: inicialmente tudo estava junto e misturado num núcleo complexo, e foi o *espírito* (*nous*) que deu ordem ao mundo, que seria, todo ele, material. O espírito é infinito e separado, isto é, não se mistura com a matéria que ordena e saberia tudo. Uma variante desta ideia de inteligência criadora reaparecerá em Platão e em Aristóteles e terá grande influência nos pensadores gregos (até ao

autor do Evangelho de S. João que ao afirmar que «No princípio era o verbo» significa «no princípio era o espírito»).

Parménides de Eleia (c. 475) defende, ao contrário de Heraclito e mesmo de Anaxágoras, embora tenha algumas semelhanças com ele, que a verdade das coisas é una, eterna e imutável, mas que são os sentidos que nos enganam. O seu foco de análise é o *Ser* (ontologia: de que é feito o que existe) e embora possa haver mudanças (a água passa a vapor, por exemplo) o *Ser* é sempre o mesmo: a verdade é o *Ser Uno* e sem mudança, que é apenas aparência. É da escola de Parménides que deriva o famoso paradoxo de Zenão, que pretendia negar o movimento de A para B (porque primeiro teria de percorrer metade, depois metade da metade, e *ad infinitum*, nunca chegando a B). A mensagem de Parménides sobre o Uno (mas não a de Zenão sobre o movimento) foi influente em Platão, com a teoria das formas.

Há uma tendência comum a todos estes autores apesar das suas diferenças: a realidade não é alcançada pelos sentidos mas encontra-se num plano só acessível pelo pensamento.

Uma outra corrente seria classificada modernamente como materialismo. *Empédocles* de Acragas (c. 450) afirmava que os objectos emitem eflúvios que são cópias de si próprios. Capturaríamos esses eflúvios com cada modalidade sensorial e eles misturar-se-iam no sangue. Com o bater do coração, transformar-se-iam em consciência. O aspecto mais relevante desta teoria é ser formulada em termos puramente materialistas. Não acentuemos a modernidade de Empédocles: esta teoria materialista convive com a ideia de transmigração das almas, que expiariam os pecados das vidas passadas. Mas Empédocles leva a dúvida sobre a identidade da percepção e das coisas (o que eu vejo não é o que realmente é) à sua conclusão lógica: se há diferença entre percepção e realidade, é necessário saber como se faz a tradução de uma na outra. É, pois, explicitamente, um começo de epistemologia psicológica: estudar o processo de conhecimento com base nos mecanismos perceptivos.

A parte mais moderna deste movimento é acentuada por *Leucipo* de Mileto (c. 430), que defendia que tudo é determinado, e pelo seu discípulo *Demócrito* de Abdera (c. 420), famoso por ter defendido a indivisibilidade infinita da matéria — haveria átomos, de diferentes

tipos, que se misturariam entre si formando substâncias. Esses átomos seriam percebidos (o nome deles é *éidola*, palavra que está na raiz do nosso «ídolo» e que significa «imagem») e seriam juntos e separados mas nunca modificados – é uma visão que antecipa o associacionismo britânico de 2000 anos depois, de que, de resto, descende por via de Epicuro, como veremos. Demócrito defendia que as qualidades sensoriais são meras aparências, não porque houvesse características mentais que determinam a experiência, mas porque as coisas não são o que parecem. Assim, os sabores acres ocorreriam porque os átomos de que são compostas as coisas que nos sabem acres são pequenos, finos, angulosos; e uma coisa parecer-nos-ia doce por ser composta por átomos maiores e arredondados. Mais uma vez, é importante não mitificar o pensamento grego: os átomos de Demócrito não são nada semelhantes aos do presente, ainda que o pensamento moderno tenha surgido por influência do atomismo grego, como veremos. Para esta corrente (os «atomistas»), a alma era composta de átomos particularmente arredondados, permitindo que corresse por todo o corpo (a ideia é que a alma gera o movimento).

Há, pois, uma tendência para afirmar a falibilidade do dado sensorial: ele nada significa, é apenas engano. Chega-se assim a *Protágoras* de Abdera (490-420 a. C.), um dos sofistas, que defendia o relativismo integral: cada um constrói a sua verdade a partir dos sentidos, e essas realidades são diferentes umas das outras – de onde a famosa afirmação de «[cada] homem ser a medida de todas as coisas».

Assim, paradoxalmente, nos Gregos, a centração nas coisas e não na mente levou à compreensão de que as próprias coisas são ilusões. Este ponto é importante: normalmente opõe-se ao «realismo ingênuo» (a crença de que as coisas são como as percebemos) a verificação de que as coisas só existem porque são representadas na mente e de que a mente, sendo subjectiva, interpreta essas coisas, de modo que não as podemos conhecer como são. Mas nos Gregos o caminho não foi esse: permaneceram centrados nas coisas, não no sujeito de representação (a pessoa que vê essas coisas), e ao verificarem que as aparências podem enganar, localizaram esse engano na natureza escondida das coisas e não nos processos da subjectividade. Só no final deste processo aparece a verificação da subjectividade.

Concluamos, pois, esta secção sobre os gregos pré-socráticos.